

# UMA ABORDAGEM AUTOSSEGMENTAL DA PALATALIZAÇÃO DE /nj/ NO AMAZONAS

Tatiana Belmonte Rodrigues\*

**Resumo:** O objetivo deste artigo é descrever por meio de uma abordagem autossegmental a palatalização de /nj/ no Amazonas, um processo fonológico registrado na Carta Fonética 94 do Atlas Linguístico do Amazonas (CRUZ, 2004), apresentando a variante [ɲ] em duas localidades, a cidade de Benjamin Constant, região do Alto Solimões, e na cidade de Parintins, região do Baixo Amazonas. Um recorte diacrônico do latim ao português aponta o surgimento do fonema palatal nasal /ɲ/, como consequência da palatalização da consoante nasal /n/ em contexto onde havia a presença de um segmento vocálico palatal (WILLIAMS, 1961; CAMARA JR., 1986; TEYSSIER, 1997). A Geometria de Traços proposta por Clements & Hume (1995) nos possibilita expressar a naturalidade do processo fonológico em questão, apontando que, nesse processo, a consoante nasal /n/ quando antecedente à semivogal /j/ assimila seu traço coronal [-anterior], transformando-se, consequentemente, em /ɲ/.

\* Universidade Federal de Minas Gerais

**Palavras-Chave:** Abordagem autossegmental; Palatalização; Geometria de traços; Variação linguística.

## INTRODUÇÃO

A Carta Fonética 94 do Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM (CRUZ, 2004)

registra a pronúncia da palavra *Antônio*, em nove cidades do Amazonas, das quais duas apresentaram a variante [ɲ], Benjamin Constant e Parintins. Por



meio de observação assistemática, foi detectado que esta variante também está presente na fala manauara, porém, não há esse registro de Manaus no ALAM, pois essa cidade não foi uma das locações da pesquisa realizada por Cruz (2004).

Esse processo de palatalização registrado no ALAM com a palavra *Antônio*, e percebida em Manaus em palavras como *cerimônia* e *condomínio*, apresenta um padrão de ocorrência, que é em palavras proparoxítonas terminadas em *nia* e *nio*.

Uma hipótese que já levantamos que poderia explicar a ocorrência da palatalização da nasal alveolar nesse contexto fonológico parece ser relacionado(a) com as paroxítonas ou proparoxítonas aparentes, uma preferência por paroxítonas (HEAD, 1986; NASCENTES, 1922; AGUILERA, 1995).

Este artigo, no entanto, não se aprofundará em testar essa hipótese, pois seu objetivo é abordar esse processo de palatalização por meio da fonética autossegmental.

A abordagem autossegmental adota a Geometria de Traços proposta por Clements & Hume (1995) e possibilita a visualização da

ocorrência desse fenômeno mediante os traços, viabilizando uma ampla compreensão da estrutura interna dos segmentos envolvidos nesse processo e a expressão da naturalidade do processo fonológico em questão.

## A PALATALIZAÇÃO DE /nj/ NO ALAM

No Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM há investigações de 9 municípios representativos das 9 microrregiões do estado: Benjamin Constant (Microrregião do Alto Solimões), Tefé (Microrregião do Juruá-Solimões-Juruá), Lábrea (Microrregião do Purus), Eirunepé (Microrregião do Juruá), Humaitá (Microrregião do Madeira), Barcelos (Microrregião do Alto Rio Negro), Manacapuru (Microrregião do Rio Negro-Solimões), Itacoatiara (Médio Amazonas) e Parintins (Baixo Amazonas).

O ALAM registrou 107 Cartas Fonéticas e 150 Cartas Semântico-lexicais. As cartas fonéticas apresentam fenômenos que dizem respeito às realizações dos fonemas vocálicos e consonantais em diferentes contextos.

A Carta Fonética que citamos neste artigo, e que contém o processo



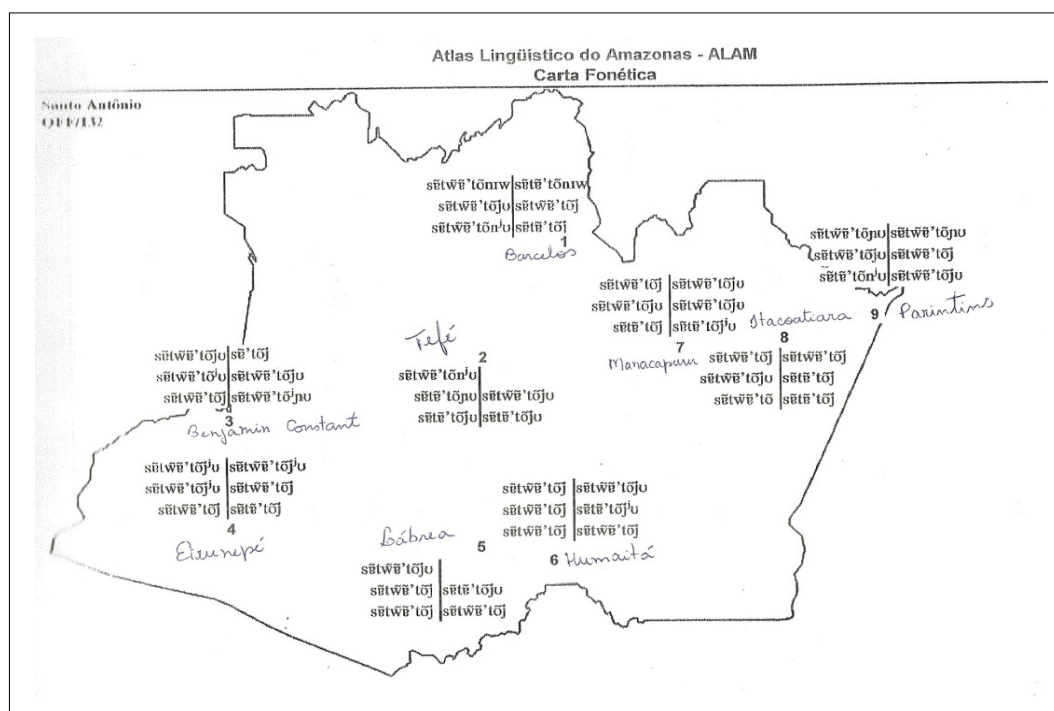


de palatalização de /nj/, é a de número 94, com a palavra *Santo Antônio*.

Para que os informantes, seis selecionados em cada ponto de inquérito (município), deste grupo três homens e três mulheres, um de cada faixa etária (Faixa 01 – 18 a 35 anos; Faixa 02 – 36 a 55 anos; Faixa 03 – 56 anos em diante), falassem a palavra *Santo Antônio*, eram direcionados a responder a pergunta:

*Como se chama aquele santo casamenteiro que se festeja no dia 13 de junho?* Registrada como QFF/132 no Questionário Fonético-Fonológico. Nosso foco, porém, está na palavra *Antônio*, que apresenta o processo de palatalização de /nj/.

Na Figura 01 está ilustrada a Carta Fonética 94, com a transcrição fonética das respostas de todos os informantes nos 9 municípios:



**Figura 01:** Carta Fonética 94 do ALAM (CRUZ, 2004) com grifo meu dos Municípios.

Na Carta Fonética 94 do ALAM, percebemos que um informante do sexo feminino da Faixa 03 de idade de Benjamin Constant, e dois informantes, um

do sexo masculino e outro do sexo feminino, ambos de Parintins, produziram a variante [ɲ], registro da palatalização de /nj/.



## PALATALIZAÇÃO DE /nj/ DO LATIM AO PORTUGUÊS

Teyssier (1997) descreve a palatalização como uma importante consequência da inovação do latim imperial. O autor aponta que o surgimento do grupo fonético [ny] resultou da pronúncia yod. Em suas palavras:

Em várias outras palavras um *i* ou um *e* não tônicos, seguidos de uma vogal, eram pronunciados yod em latim imperial; ex.: *pretium*, *platea*, *hodie*, *video*, *facio*, *spongia*, *filium*, *seniorem*, *teneo*. Resultaram daí os grupos fonéticos [ty], [dy], [ly] e [ny] que se palatalizaram em [tsy] e [dsy], [lh] e [nh]. (TEYSSIER, 1997, p. 12)

Segundo o autor, quando *n* era seguido de um yod, originário de *i* e *e* em hiato, esta consoante passara a /ɲ/ palatal. Ex.: *seniorem* > port. *senhor*, *teneo* > port. *tenho*.

Ao descrever a evolução das consoantes nasais do português, Williams (1961) afirma que:

Se a primeira vogal era *i* tônico e a segunda *a* ou *o*, uma nasal palatal se desenvolveu entre ambas e a ressonância nasal desapareceu: *gallinam* > *gallīa* > port. *galinha*, *uicīnam* > *vizīa* > port. *vizinha*. (...)  
Se a primeira vogal era pretônica e a segunda em *i* tônico em hiato com um *a* ou *o* seguintes, a ressonância

nasal se estendeu às três vogais. Posteriormente, uma consoante nasal palatalizada desenvolveu-se entre as duas últimas vogais de forma regular: *litanīam* > *lidaīa* > *ladainha*; *uenībam* > *venīa* > *veīa* > *viīa* > *viinha* > *vinha*. (WILLIAMS, 1961, p. 82-83)

Nota-se que o palatal /ɲ/ não existia no latim, e que surgiu na passagem do latim ao português, da palatalização do *n* diante da semivogal *j* ou da epêntese de uma “consoante nasal plena depois de vogal em hiato” (CAMARA JR., 1986, p. 174).

Back (1971) ao descrever a evolução fonêmica no sistema de consoantes portuguesas registra a fonemia de /ɲ/ e afirma:

Pela síncope de (y) depois de (ñ), encontram-se nos mesmos ambientes, entre vogais, os fones (ñ) e (n); assim o primeiro conquista a sua independência: tinha sido alofone de /n/ e agora sofre fonemia /ñ/ com os traços distintivos de posterior e nasal, /n/ sofre transfonemia, porque muda o seu traço distintivo de não-labial para apical. Comprovam-se como fonemas distintos pelos ambientes análogos em: *pinum* “pinho” /pino/ *pineam* “pinha” /pina/ e *teneo* “tenho” /tEño/. (BACK, 1971, p.26)

No português brasileiro há registro de variações da produção da palatal [ɲ]. Silva (2013) observa que:





a consoante nasal palatal [ɲ] ocorre na fala de poucos falantes do português brasileiro. Geralmente um glide palatal nasalizado que é transcrito como [j̃] ocorre no lugar da consoante nasal palatal para a maioria dos falantes do português brasileiro. (SILVA, 2013, p.39)

Tal variação do uso de [ɲ] em cidades brasileiras tem sido foco de investigação, como na pesquisa de Torres (2009), cujo objeto de estudo foi a realização das variantes palatais /ʎ/ e /ɲ/ nos municípios de Itapiranga e Silves (parte do Médio Amazonas), no qual considerou que embora o falar amazonense seja, geralmente, vocalizado no âmbito da realização da palatal /ɲ/ em vocábulos como *espinha* a incidência da palatal foi considerável.

### **PRESSUPOSTOS DA FONOLOGIA AUTOSSEGMENTAL**

A Teoria Autossegmental é um modelo pós-chomskiano, proposto por Goldsmith (1976) em sua dissertação, cujo objetivo era tratar de fenômenos tonais.

Bisol (2005) descreve que os dois aspectos básicos levantados pela Teoria Autossegmental são, primeiro, de não haver a relação de um-para-um entre o segmento e o conjunto de traços que o caracteriza e, segundo, o

fato de o segmento apresentar uma estrutura interna, ou seja, “existe uma hierarquização entre os traços que compõem determinado segmento da língua” (BISOL, 2005, p.46).

Ainda segundo Bisol (2005), o primeiro aspecto levantado pela Teoria Autossegmental gerou duas máximas: a) os traços podem estender-se além ou aquém de um segmento e b) o apagamento de um segmento não implica necessariamente o desaparecimento de todos os traços que o compõem.

Assim, na Teoria Autossegmental, os segmentos passaram de conjuntos desordenados de traços a traços hierarquizados, organizados em camadas ou *tiers*, ligados por uma linha de associação. Os segmentos podem ser:

a) Simples – quando se apresenta apenas um nó de raiz e é caracterizado por, no máximo, um traço de articulação oral.

b) Complexos – quando um nó de raiz é caracterizado por, no mínimo, dois traços diferentes de articulação oral, ou seja, quando o segmento apresenta duas ou mais constrições no trato oral.

c) De contorno – quando contém sequências de diferentes traços.





Três princípios pautam as regras sob a regência da Teoria Autossegmental (Goldsmith, 1976):

a) Princípio do Não-Cruzamento de linhas de Associação - proíbe a associação de dois elementos de um *tier* a outro *tier* através do cruzamento.

b) Princípio do Contorno Obrigatório - define que elementos adjacentes idênticos são proibidos.

c) Princípio de Restrição de Ligação - restringe a aplicação de uma regra à forma que nela é representada, de modo que, se contiver uma só linha de associação, fica bloqueada em contextos de ligação dupla ou vice-versa.

A Fonologia Autossegmental abriu caminho para a Geometria de

Traços, desenvolvida por Clements (1985).

A esse respeito, Bisol (2005) afirma:

Na concepção da geometria de traços fonológicos adotada por Clements (1985, 1991), os traços que constituem os segmentos que estão no mesmo morfema são adjacentes e formam uma representação tridimensional que permite distinguir *tiers*: o *tier* da raiz, o *tier* da laringe, o *tier* dos pontos de consoante (pontos de C), por exemplo. (BISOL, 2005, p. 46)

Nesse sentido, Clements & Hume (1995) desenvolveram a seguinte organização hierárquica de consoantes e vogais:

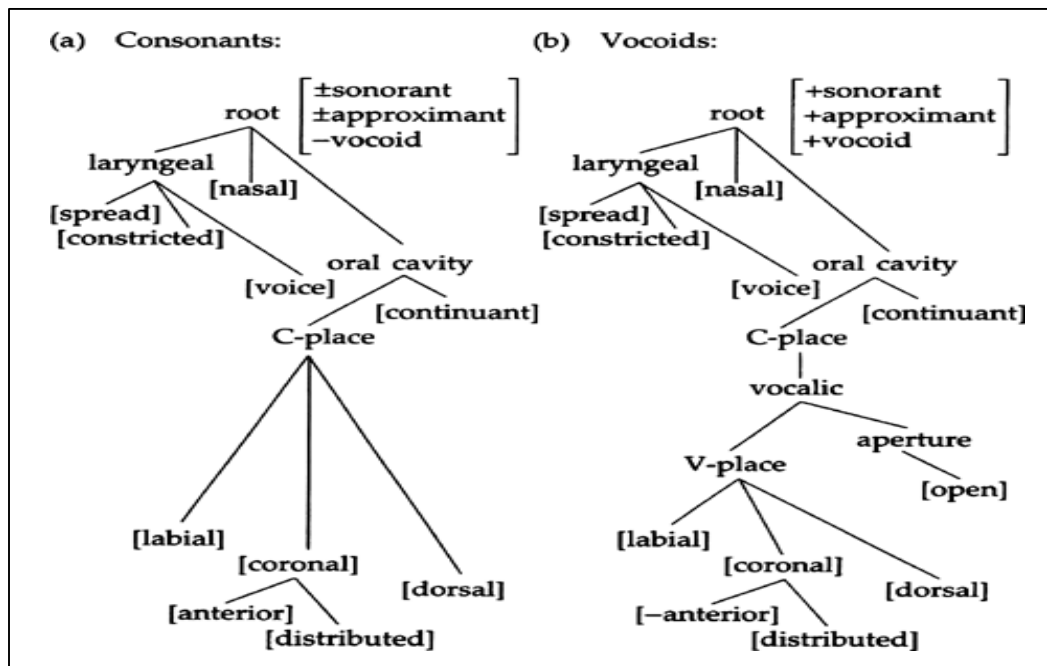


Figura 02: Organização hierárquica de traços de consoantes e vogais (CLEMENTS & HUME, 1995, p. 47)





Alguns traços são binários: representados em termos de presença (+) ou ausência (-). Outros são monovalentes: só permitem a representação em termos de presença.

A estrutura arbórea representada na geometria de traços possibilita expressar a naturalidade dos processos fonológicos que ocorrem nas línguas do mundo, atendendo sempre ao princípio de que as regras fonológicas constituem uma única operação, seja de desligamento de uma linha de associação ou de espriamento de um traço.

Em consequência, a estrutura apresenta, sob o mesmo nó de

classe, traços que funcionam solidariamente em processos fonológicos.

### A PALATALIZAÇÃO DO /nj/ NA GEOMETRIA DE TRAÇOS

No Amazonas, ocorre um processo de palatalização que é comum em vários dialetos do português brasileiro, principalmente na região Sudeste, chamado de palatalização de oclusivas alveolares, como descreve Silva (2013).

Tal regra de palatalização pode ser representada, de modo geral, da seguinte forma, como sugerido por Lopez (1979):

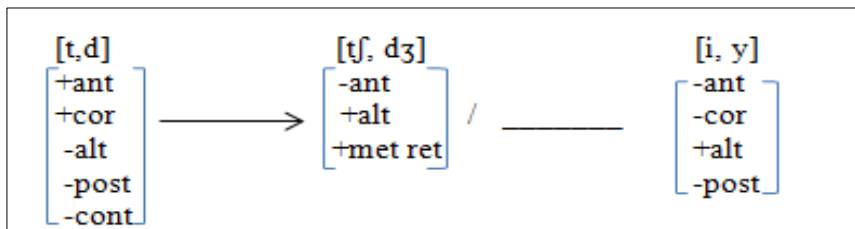


Figura 03: Regra de palatalização (LOPEZ, 1979)

O fenômeno do Amazonas segue o mesmo processo de palatalização em que a consoante antecedente à semivogal /j/ assimila

seu traço coronal [-anterior], desenvolvendo assim a seguinte regra de palatalização, forma variante no Amazonas:

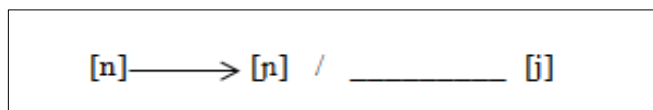


Figura 04: Regra de palatalização no Amazonas baseada na regra de palatalização de Lopez (1979).





Neuschrnk & Matzenauer (2012) descrevem a integração do segmento palatal /ɲ/ na fonologia do português brasileiro (PB), destacando que tal segmento não existia no sistema consonantal latino, e que o mesmo é fruto de três contextos favorecedores: 1. nasal coronal alveolar seguida de semivogal palatal [nj]; 2. vogal palatal seguida de nasal coronal alveolar [in] e 3. plosiva velar sonora seguida de nasal coronal alveolar [gn] (NEUSCHRANK & MATZENAUER, 2012, p. 39).

Em todos os contextos citados por Neuschrnk & Matzenauer (2012) há a presença de nasal coronal alveolar, e, nos dois primeiros contextos, há a presença de um segmento vocálico palatal, que nos remete ao processo de palatalização que ocorre no Amazonas. Na geometria de traços, o /ɲ / é considerado por Hernandorena (1994) um segmento complexo, pois apresenta dois traços de articulação oral. Este segmento é fruto do processo de palatalização apresentado no diagrama arbóreo a seguir:

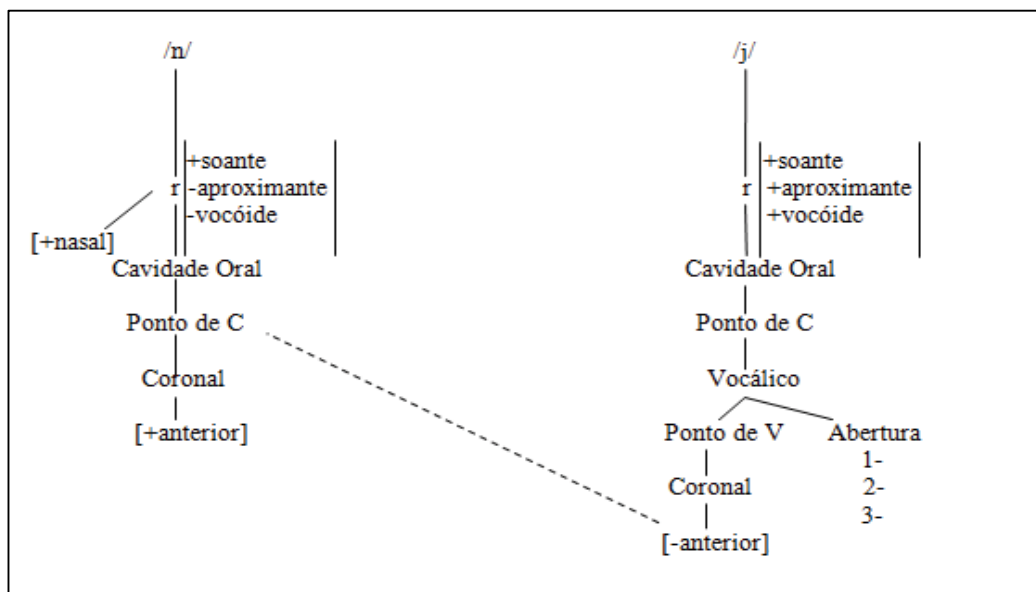


Figura 05: Diagrama arbóreo baseado em Hernandorena (1994).

Neuschrnk & Matzenauer (2012) afirmam que neste processo de palatalização há o “espraiamento do nó Vocálico do segmento palatal para o PC

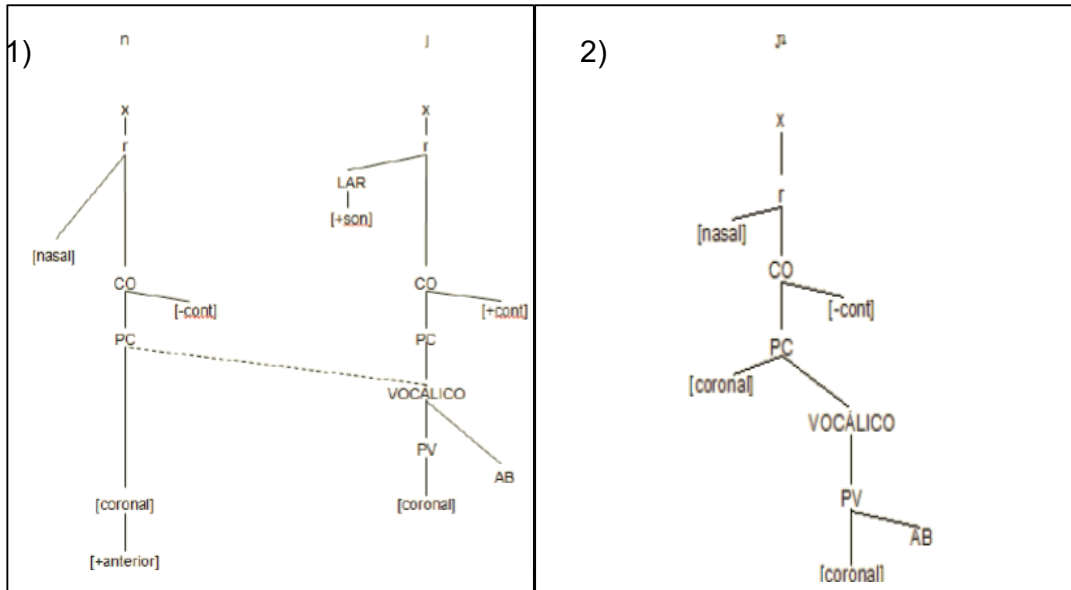
da consoante nasal precedente” (NEUSCHRANK & MATZENAUER, 2012, p. 40), dando origem a um segmento de articulação consonantal e







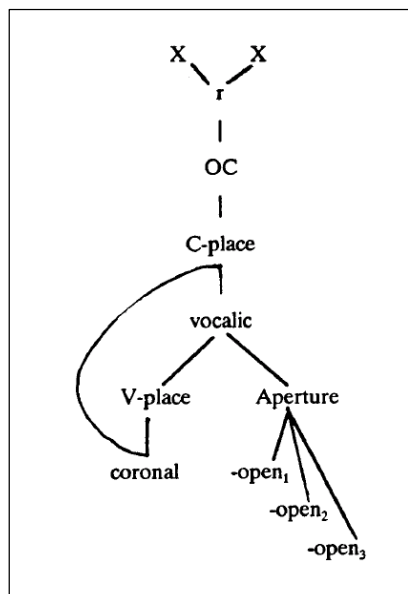
vocálica, como apresentam as figuras 1 e 2 a seguir, ilustrando o espraioamento do /ɲ/:



**Figura 06:** Processo de palatalização: espraioamento do nó vocálico (NEUSCHRANK & MATZENAUER, 2012, p. 40).

Wetzels (1997) traz à luz uma discussão (Clements & Hume, 1995), o autor quanto à natureza de /ɲ/. propõe a seguinte estrutura:

Fazendo uso da Geometria de Traços



**Figura 07:** Estrutura de /ɲ/ proposta por Wetzels (1997, p. 18)



Ao propor a estrutura citada, Wetzels (1997) representa uma consoante coronal geminada, com uma articulação coronal secundária. Segundo o autor, esta estrutura geminada explica por que a nasalização é obrigatória antes de /ɲ/, por que /ɲ/ e /N/ atraem acento e por que nenhum desses segmentos pode ocorrer em início de palavra. Quanto à natureza do segmento, o autor afirma: "What might be surprising with regard to the representation in (24) is the claim that /ɲ, N/ are palatalized consonants, rather than palatal consonants." (WETZELS, 1997, p. 18).

Baseando-se na estrutura proposta por Wetzels (1997), nas análises autosegmentais de Neuschrack & Matzenauer (2012),

também inferimos que o segmento /ɲ/ trata-se de uma consoante nasal palatalizada e não uma consoante nasal palatal.

## CONCLUSÃO

A abordagem autosegmental utilizada neste artigo para a análise da palatalização de /ɲj/, fenômeno que ocorre no Amazonas, como registrado no ALAM, demonstrou na geometria de traços que a consoante nasal /n/ quando antecedente à semivogal /j/ assimila seu traço coronal [-anterior], transformando-se, conseqüentemente, em /ɲ/ e levantou o questionamento proposto por Wetzels (1997) em relação ao uso dos termos "consoante palatal" e "consoante palatalizada".

## AN AUTOSSEGMENTAL APPROACH FOR THE /ɲj/ PALATALIZATION IN AMAZONAS

### Abstract

The aim of this paper is to describe through an autosegmental approach the /ɲj/ palatalization in Amazonas, a phonological process registered in the Phonological Letter 94 of the Linguistic Atlas of Amazonas (CRUZ, 2004), presenting the variant [ɲ] in two localities, the city of Benjamin Constant, Alto Solimões region, and in the city of Parintins, Baixo Amazonas region. A diachronic cut from Latin to Portuguese points out the emerging of the nasal palatal phoneme /ɲ/, as a consequence of the palatalization of the nasal





consonant /n/ in the context where there was a palatal vowel segment (WILLIAMS, 1961; CAMARA JR., 1986; TEYSSIER, 1997). The Geometry of Phonological Features proposed by Clements & Hume (1985) allows us to express the plainness of such phonological process, pointing out that, in this process, the nasal consonant /n/ when preceding the semivowel /j/ assimilates the coronal feature [-back], becoming itself, therefore, the nasal consonant /ɲ/.

**Key-words:** Autosegmental approach; Palatalization; Geometry of Phonological Features; Linguistic variation.

**Artigo submetido para publicação em:** 22-03-2014

**Aceito em:** 25-07-2014

#### REFERÊNCIAS:

AGUILERA, V. A. (1995) **As proparoxítonas na linguagem popular e rural paranaense**. ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL IX. Anais. Linguística, vol.2. João Pessoa: ANPOLL, 1995.

BACK, E. (1971) **A evolução do sistema das consoantes portuguesas**. Revista Letras v19, p. 13-46.

BISOL, L.(org) (2005) **Introdução aos estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS.

CAMARA JR., J. M. (1986) **Dicionário de linguística e gramática**. 13 ed. Petrópolis: Vozes.

CLEMENTS, G. N. (1985) "The Geometry of Phonological Features," Phonology Yearbook 2, p. 225-252

CLEMENTS, G. N. & HUME, E. (1995) **The internal organization of speech sounds**. In J. Goldsmith (ed.). **Handbook of Phonology**. Blackwell.

CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. (2004) **Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM**. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras. Tese de Doutorado em Letras Vernáculas.



GOLDSMITH, J. (1976) **The aims of autosegmental phonology**. Bloomington, Indiana: Indiana University Press.

HEAD, Brian F. (1986) **O destino das palavras proparoxítonas na linguagem popular**. In: ENCONTRO DE VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA E BILINGÜISMO NA REGIÃO SUL, 4, Porto Alegre, 1985. Anais. Porto Alegre: UFRS.

LABOV, W. (2008 [1972]) **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola.

LOPEZ, B. S. (1979) **The sound partner of Brazilian Portuguese (Carioca dialect)**. Los Angeles: UCLA. Tese (Doutorado em Linguística), UCLA.

MATTOS E SILVA, R. V. (2006) **O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe**. São Paulo: Contexto.

HERNANDORENA, C. L. M (1994) **A geometria de traços na representação das palatais na aquisição do português**, *Revista Letras de Hoje*, Vol. 29, nº 4, p. 159-167.

NASCENTES, A. (1953 [1922]) **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Organização Simões.

NEUSCHRANK, A & MATZENAUER, C. L. (2012) **A palatalização na diacronia do pb: o surgimento dos segmentos palatais à luz de teoria fonológica**. *Revista Linguística*. V. 27, p. 18-46.

SILVA, T. C. (2013) **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 10.ed. São Paulo: Contexto.

TEYSSIER, P. (1997) **História da língua portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes.

WETZELS, W. L. (1997) **The lexical representation of nasality in Brazilian Portuguese**. *Probus*, 9.2:203–232.

WILLIAMS, E. B. (1961) **Do latim ao português**. Instituto Nacional do Livro.

